

Informativo Técnico SEAGRI, n. 4, ago. 2011

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

INFORMATIVO TÉCNICO SEAGRI

Nº 4 - agosto 2011

Commodities Agrícolas: evolução recente de preços

Introdução

O Brasil vem firmando sua posição entre os maiores produtores e exportadores das principais *commodities* agrícolas. Face à crescente importância que esses produtos vêm assumindo na pauta de exportações brasileiras, torna-se cada vez mais necessário uma maior compreensão do mercado internacional destes produtos agropecuários. Em particular, no que diz respeito aos impactos das oscilações das cotações internacionais dessas *commodities* sobre os produtores nacionais.

Como os preços no Brasil seguem as cotações internacionais, toda vez que esses preços sofrem oscilações bruscas, a renda dos agricultores brasileiros é afetada positiva ou negativamente. Desta forma, ficam alteradas sua estabilidade financeira e capacidade em honrar compromissos, tais como dívidas contratadas, tanto para custeio como para aquisição de máquinas e equipamentos. Em última instância isso pode gerar mais pedidos de renegociações de dívidas perante o Governo Federal, com reflexos nas carteiras dos bancos operadores das linhas de crédito e programas afetados. O acompanhamento desses setores é, portanto, essencial para a definição de uma estratégia preventiva.

O preço das *commodities* agrícolas é formado pela interação entre demandantes e ofertantes no mercado. Por serem produtos essencialmente homogêneos e não apresentarem barreiras à entrada relevantes, o comportamento deste mercado se aproxima de uma dinâmica concorrencial. Os preços se formam em bolsas de

mercadorias - em geral localizadas em países desenvolvidos - que apresentam dinâmicas isentas da interferência individual de produtores e consumidores. Para caracterizar-se como *commodity*, não só o produto agrícola, mas também sua armazenagem e processo de comercialização, devem respeitar uma padronização internacionalmente reconhecida¹. Vale ressaltar que a existência de mercados secundários organizados torna as posições nestas *commodities* ativos líquidos que fazem parte da composição de *portfólios* em diversas instituições financeiras. A aposta em mercados futuros pode ter fortes reflexos nos preços de curto prazo.

Atualmente há diversos fatores pressionando os preços das *commodities*. O recente dinamismo de países emergentes (China, Índia, etc...) levou a uma significativa ampliação da renda *per capita* e a uma crescente demanda por consumo de produtos agrícolas, agravada pelos baixos níveis de estoques internacionais. Por outro lado, a recente crise financeira obrigou as autoridades monetárias dos países desenvolvidos a políticas fortemente expansionistas, com o intuito de evitar a crise sistêmica decorrente do estrangulamento de liquidez que se seguiu ao início da crise. Passados os piores momentos da crise financeira, gerou-se um excesso de liquidez no mercado internacional, que implicou baixos retornos dos principais ativos financeiros, conjuntamente com uma desvalorização do dólar norte-americano frente às outras moedas. Esses fatores deslocaram recursos para o mercado de *commodities*, pressionando a demanda e, conseqüentemente, os preços.

É necessário compreender que, a despeito da existência de algumas barreiras comerciais, existe uma ampla interação entre os mercados de *commodities*, levando a uma elevada elasticidade de substituição entre ofertantes e demandantes internos e externos, de tal forma que diferenciais entre preços internos e externos são rapidamente corrigidos até a convergência destes preços. Portanto, quanto maior a integração de um país ao mercado internacional, mais eficaz será o mecanismo de transmissão de preços, sendo a dinâmica internacional de formação dos preços determinante do preço que vigora globalmente e, dada a taxa de câmbio, o preço vigente internamente².

A integração com os mercados externos faz com que a dinâmica dos setores produtores esteja primordialmente ligada à exportação dessas *commodities*. Sem menosprezar os efeitos da demanda interna, optou-se no presente informativo por analisar a evolução dos preços internacionais, seus correspondentes em reais e os montantes exportados. Com efeito, a última safra de grãos do Brasil bateu novo recorde histórico: foram produzidas 149,2 milhões de toneladas de grãos em 2010. As exportações brasileiras de produtos agropecuários também bateram novo recorde em 2010, alcançando o valor de US\$ 76,4 bilhões, representando 37,9% do total da nossa pauta de exportações³. Ao que tudo

¹ Azeredo, P. F. Comercialização de Produtos Agroindustriais. In: Batalha, M (coord) *Gestão Agroindustrial*. 3ª. Ed.. São Paulo: Ed. Atlas, 2007, p. 64 -99.

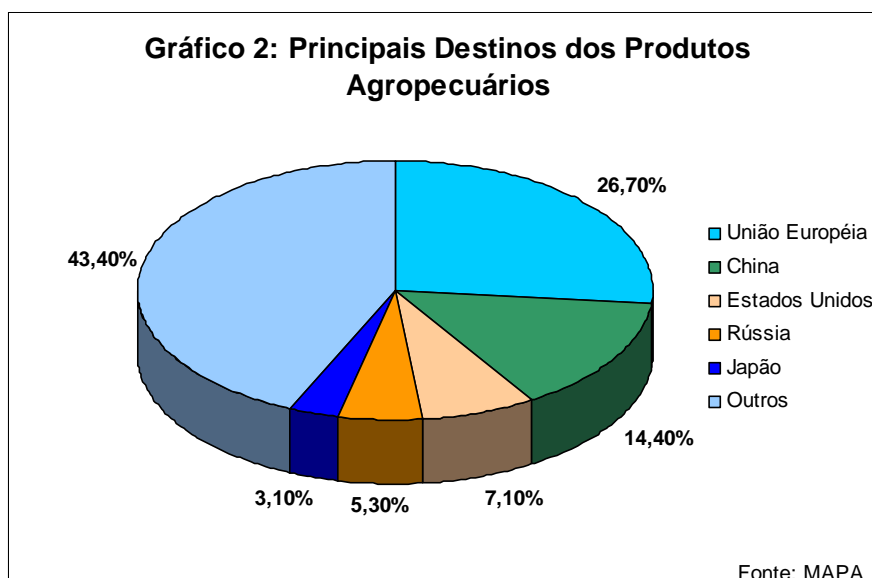
² Ver OECD-FAO *Agricultural Outlook 2010-2019*. p 55-59. Disponível: www.agri-outlook.org. A existência de poder de mercado por parte de um país que responde por parte significativa da oferta global de uma determinada *commodity* frente a uma demanda pulverizada altera, por óbvio, este mecanismo. No entanto, como já se comentou, as características dos produtos e mercados levam a uma elevada convergência de preços, frequentemente comprovada em diversos estudos econométricos. Ver, entre outros: SILVEIRA, A. M. e BACCHI, M.R.P., *Relação entre Preços dos Mercados Doméstico e Internacional de Açúcar*. Disponível: <http://www.sober.org.br> e MARGARIDO, M.A., TUROLLA, F.A. e FERNANDES, J.M. Análise da Elasticidade de Transmissão de Preços no Mercado Internacional de Soja. *Pesquisa & Debate*, São Paulo, Vol 12 nº 2(20), p.21-40, 2001.

³ Disponível: <http://www.agricultura.gov.br/>

indica a tendência é que essa expansão continue de forma acelerada, esperando-se o alcance de outro recorde de produção e exportação de grãos na próxima safra.

Este desempenho esperado decorre da já referida pressão de demanda internacional, que se reflete em compras crescentes dos principais importadores de produtos agropecuários brasileiros – a saber, União Européia, China, Estados Unidos da América do Norte e Rússia, nessa ordem – com destaque para a China, que aumentou o valor das suas importações do Brasil em 23% de 2009 para 2010, passando a importar o equivalente a 14,4% do total de produtos agropecuários exportados pelo Brasil, segundo o MAPA.

Dentro de uma análise mais geral sobre o comportamento das exportações agrícolas brasileiras, vemos que o movimento dos preços para o setor agropecuário como um todo pode ser inferido pela observação do índice de *commodities* (Ic-Br) agropecuário, divulgado desde dezembro de 2005 pelo Banco Central do Brasil. Esse índice apresenta uma variação acumulada até março de 2011 de 100,5%. O incremento nos preços foi acompanhado de um aumento das exportações. Os Gráficos 1 e 2 apresentam, respectivamente, a evolução das exportações brasileiras e as regiões de destino dos produtos agropecuários.

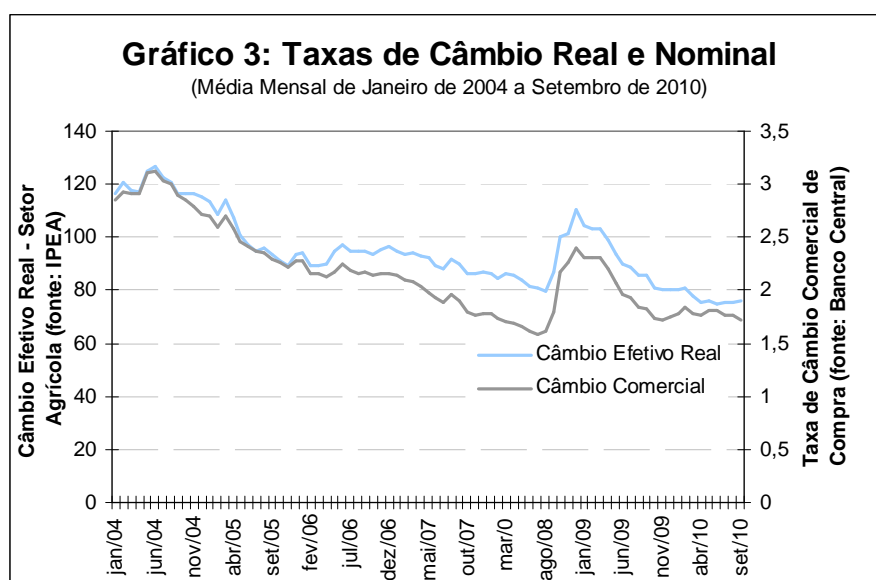


Para observar com mais detalhes o comportamento recente do mercado de *commodities* foram selecionados alguns dos principais produtos da pauta de exportações agropecuárias, a saber: carne bovina, carne de porco, carne de frango, soja, café, milho, açúcar e algodão. Juntos, esses produtos renderam mais de US\$ 35 bilhões de dólares em exportações no ano de 2010, representando 17,4% do total das exportações brasileiras e 46% da pauta de exportações agropecuárias.

Nas próximas seções, analisar-se-á caso a caso o comportamento dos preços desses produtos e como essas oscilações afetaram em última instância a receita das exportações em Reais. Existem diversas fontes para observar a evolução de preços mas, por sua confiabilidade, optou-se por utilizar os valores dos preços das *commodities* acima selecionadas disponibilizados no *site* da FAO (*Food and Agricultural Organization of the United Nations*). Embora possa haver pequenas diferenças em relação ao preço efetivamente recebido pelos exportadores brasileiros, supõe-se que os valores coletados representam a melhor *proxy* disponível.

A FAO publica preços oriundos de diversas fontes originais, que variam conforme o produto. No presente estudo se utilizou os preços do café oferecidos diariamente pela *Internacional Coffee Organization*. Já os preços da soja e do milho são fornecidos pelo *United States Department of Agriculture* (USDA) e correspondem à cotação de cada sexta-feira, desembarcada no Golfo dos EUA. O preço do açúcar é fornecido diariamente pela *Internacional Sugar Organization*. Os preços do algodão se referem à média ponderada dos preços oficiais semanais anunciados pelos *traders*, divulgados pela *Cotlook*. O preço da carne bovina corresponde ao preço do produto (em pedaços) na Argentina, fornecido pela *Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentos*. O preço da carne suína é o da carne americana, fornecida pelo USDA, e o preço da carne de frango é referente ao valor de exportação Free on Board (FOB) da carne de frango brasileira, apresentado no Boletim Mensal de Aves & Ovos.

Todos esses preços são divulgados no *site* da FAO em dólares estadunidenses. Mas, para avaliar o impacto final sobre os produtores brasileiros, não se pode deixar de levar em consideração que a taxa de câmbio vem apresentando uma tendência de valorização desde 2004. No Gráfico abaixo se observa o comportamento da taxa de câmbio real para o setor agrícola, calculada pelo IPEA (média ponderada do índice de paridade do poder de compra dos 15 maiores parceiros comerciais do Brasil), e a taxa de câmbio nominal (taxa comercial). Como se pode observar, há forte aderência entre ambas.



Para efeito de comparação, para cada produto foram produzidos gráficos que colocam lado a lado os movimentos dos preços em Dólares e em Reais, convertidos ao câmbio comercial de compra divulgado pelo Banco Central do Brasil. Além disso, apresentamos a evolução das receitas correntes em Reais com as exportações de cada *commodity* agrícola, usando a mesma taxa de câmbio para converter os valores fornecidos em dólares pela *Secex/Aliceweb*. Adicionalmente, destaca-se a receita média anual em Reais no período 2004-2007 e a receita média anual no período 2008-2010, a fim de colocar em evidência a diferença significativa que pode ser sentida nos anos anteriores e posteriores à crise financeira de 2008.

Como se verá mais adiante, para todos os produtos selecionados na análise, a receita média anual, medida em Reais, cresceu substancialmente entre os dois períodos, apesar da valorização cambial. O único crescimento moderado foi para a carne de porco, que cresceu apenas 11,1%. Em particular, as receitas médias anuais com a exportação do açúcar foram as que mais cresceram entre esses dois períodos: 87,1%.

Tabela 1: Receita Média Anual com Exportações por Produto

	Receita Média Anual com Exportações, em bilhões de Reais, entre 2004 e 2007	Receita Média Anual com Exportações, em bilhões de Reais, entre 2008 e 2010	Crescimento na Receita Anual média com Exportações, entre 2004-2007 e 2008-2010
Soja em Grão	13,5	20,5	50,7%
Milho em Grão	1,6	2,8	81,3%
Algodão Debulhado	0,8	1,4	75,0%
Café em Grão	5,8	8,1	39,6%
Açúcar Bruto	6,2	11,6	87,1%
Carne Bovina Desossada Congelada	4,7	5,9	25,5%
Carne de Frango Congelada	2,4	3,9	62,5%
Carne Suína Congelada	1,8	2,0	11,1%

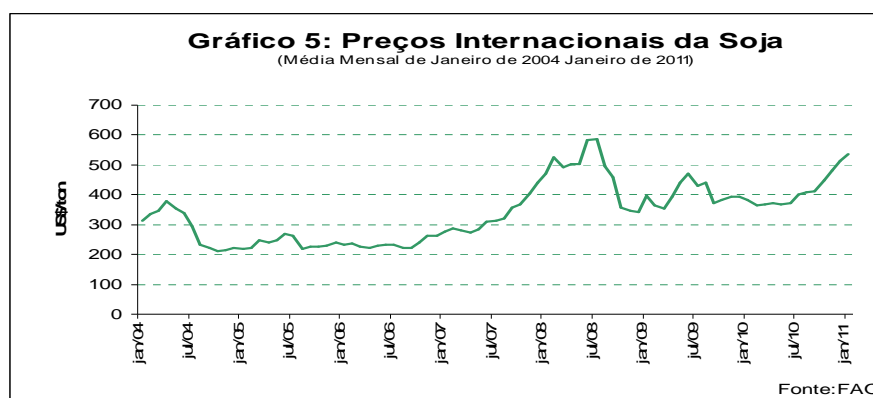
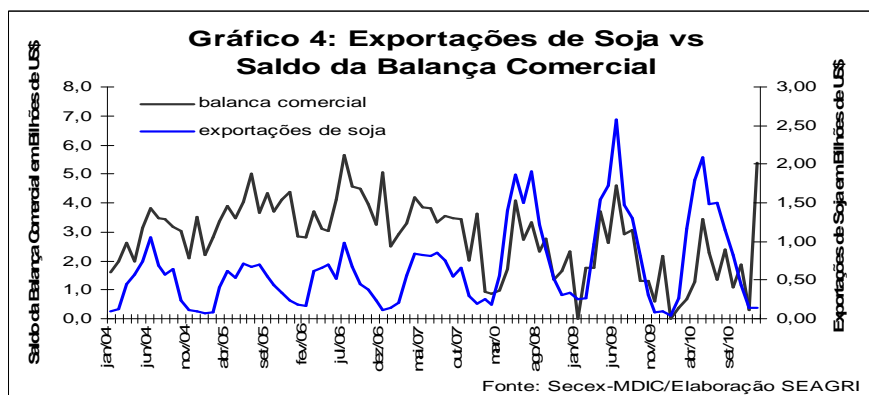
Fonte: SECEX-MDIC

Soja

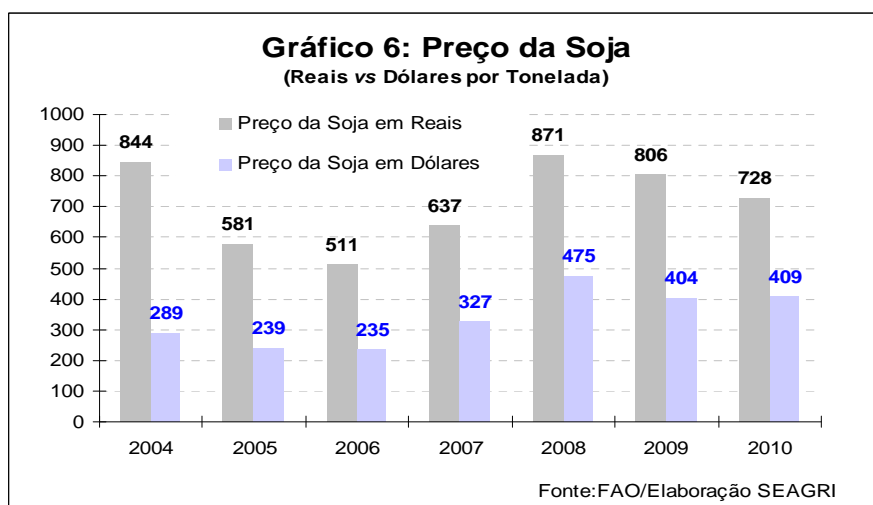
Dentre os produtos citados, a soja indubitavelmente é o produto com maior importância para a pauta exportadora brasileira. Em 2010, as exportações de soja em grãos ultrapassaram o valor de US\$ 11 bilhões. Esse resultado contou em grande medida com a demanda da China, maior comprador de soja no mercado internacional e segundo maior produtor de óleo de soja no mundo. Assim, 90% das importações chinesas de produtos agrícolas foram dedicadas à compra de soja. Em virtude da grande demanda por soja no mercado internacional, a área plantada desse grão deve subir em 2011 para 24,1 milhões de hectares, sendo que a produção de soja deve atingir a marca de 72,23 milhões de

toneladas, segundo o sétimo levantamento da safra brasileira de grãos 2010/2011 da Conab⁴.

É curioso notar como os movimentos no valor exportado de soja acompanham de perto os movimentos do saldo da Balança Comercial. Sendo que esse fenômeno fica ainda mais expressivo a partir de meados de 2008, como pode ser observado no Gráfico 4 abaixo.



Em 2004, o preço da soja no mercado internacional apresentou uma queda brusca. De abril a outubro, o preço da tonelada caiu de US\$ 377,42 para US\$ 210,94, o que equivale dizer a uma queda de 44% em 6 meses. No entanto, ao observarmos a série completa de preços entre 2004 e 2010, fica evidente a recuperação do preço desse produto no mercado internacional.



⁴ Disponível em <http://www.conab.gov.br>

Naturalmente, a valorização do Real ao longo desse período atenuou parcialmente os ganhos oriundos da alta dos preços. Desse modo, a recuperação do preço da soja em Reais foi mais lenta. Mas mesmo assim, não podemos deixar de reconhecer que os produtores de soja brasileiros têm experimentado ganhos excepcionais desde 2008.

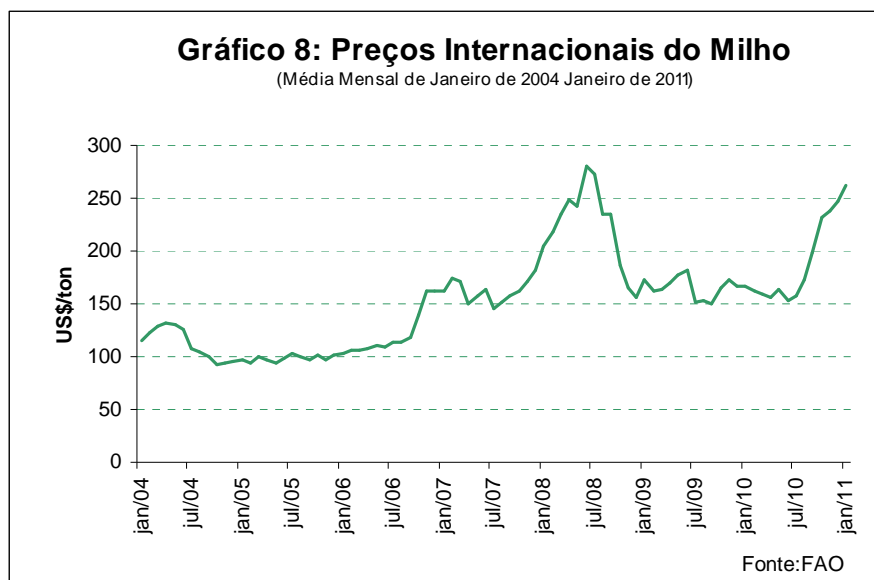
É fato que as exportações de soja permaneceram relativamente estáveis entre 2004 e 2007. Já a partir de 2008, o aumento da demanda externa e o estímulo do aumento dos preços resultaram em um forte aumento das exportações. O valor das exportações anuais brasileiras, na média, aumentou 50,7% entre o período 2004-2007 e o período 2008-2010. De uma média anual da ordem de 13,6 bilhões de Reais entre 2004 e 2007, passamos para uma média de quase 20,5 bilhões de Reais entre 2008 e 2010. Tal movimento pode ser observado abaixo no Gráfico 7.



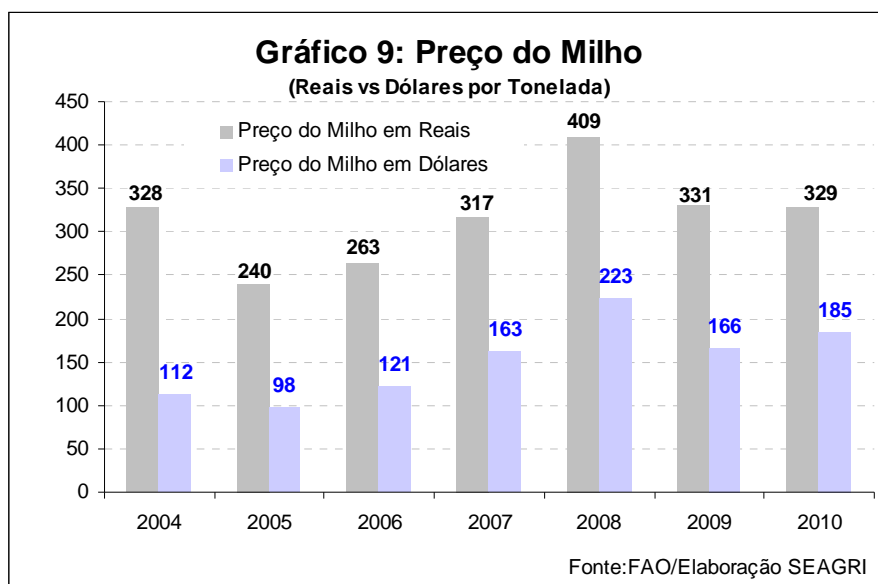
Milho

A produção do milho no Brasil está altamente associada à produção de soja, por conta do sistema de rotação de terrenos (manejo do solo) que os agricultores brasileiros implementam, alternando milho e soja. No entanto, a alta liquidez que a soja mantém no mercado internacional acaba por inibir a produção do milho, uma vez que os produtores tendem a dar preferência à produção da soja, dedicando uma área maior para o plantio desse produto e, também, reservando a safra de verão (primeira safra) para a soja, deixando o milho para a “safrinha” de fevereiro/março (segunda safra).

Outra característica interessante do cultivo do milho é que apesar do Brasil estar entre os três maiores produtores de milho – atrás dos EUA e China – não está entre os maiores exportadores, porque dedica uma parcela significativa da produção para o abastecimento interno. Depois da soja, o milho é o grão que produzimos em maior quantidade, sendo que cerca de 70% do milho comprado no Brasil, segundo a Conab, é destinado para a alimentação de aves e suínos. No que diz respeito aos preços internacionais do milho, se pode observar que estes vêm seguindo uma trajetória muito parecida com os da soja: uma queda mais acentuada ao longo de 2004, a partir de quando o preço começa a se recuperar gradualmente até chegar na sua cotação máxima, em julho de 2008 (ver Gráfico 8).



Entretanto, ainda que os preços da soja e do milho tenham seguido trajetórias bem parecidas, o preço médio pago por uma tonelada de soja no mercado internacional no ano de 2010 foi mais do que o dobro daquele pago pela tonelada do milho: US\$ 408,83 contra US\$ 184,56. Sendo assim, apesar do preço do milho no mercado internacional ter aumentado 73% na comparação de fevereiro de 2011 com fevereiro de 2010, o IBGE estima uma redução de 0,7% na área plantada na safra 2010/2011 por conta da relativa competição entre as culturas.



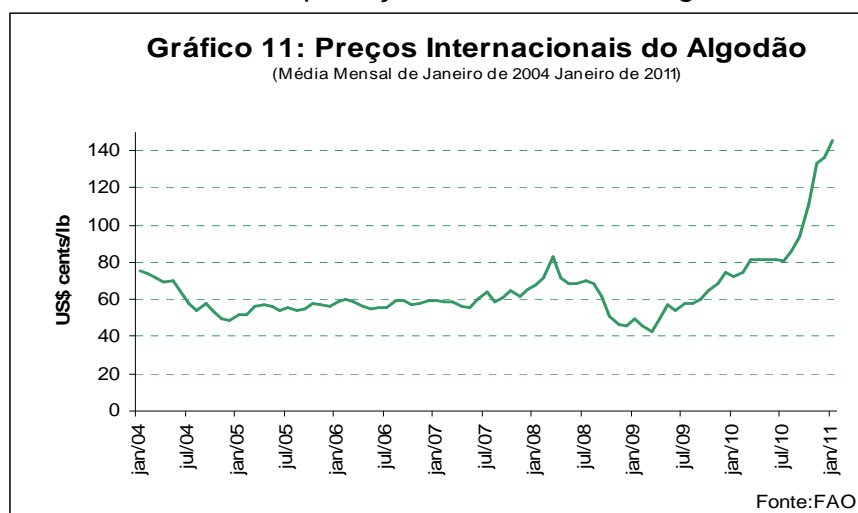
No que diz respeito às receitas com exportações de milho, em Reais, vemos mais uma vez se repetir o mesmo fenômeno que aconteceu com a soja. O valor das exportações cresceu 81,3% no período pós-2008 em relação ao período 2004-2007 (ver Gráfico 10). Dada a demanda mundial por carne de frango e de porco, o mercado de milho deve continuar aquecido e em alta, principalmente por causa da pressão vinda da China, maior produtor do mundo de suínos.

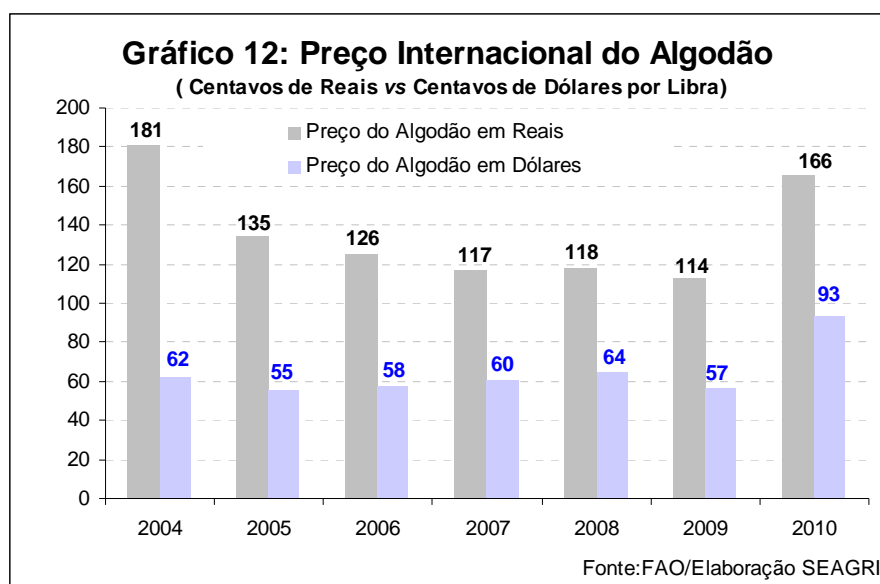


Algodão

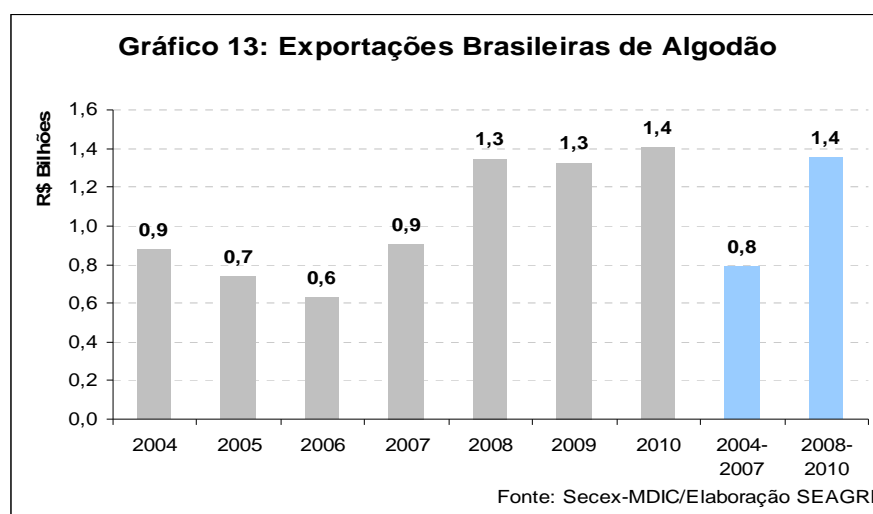
O sul do Brasil historicamente concentra um grande volume de empresas do setor têxtil. Conseqüentemente, desenvolveu-se também na região a produção de algodão. No entanto, essa produção era insuficiente para o abastecimento do mercado interno, o que colocava o Brasil na posição de segundo maior importador de algodão no mundo. Com a abertura comercial da década de 90, essa situação começou a mudar. A região Centro-Oeste passou a concentrar a maior parte da produção de algodão, vivenciando ganhos significativos de produtividade com o aumento do grau de mecanização da produção e a utilização de sementes selecionadas. Como resultado, o Brasil se encontra hoje entre os três maiores exportadores de algodão do mundo.

Segundo levantamento da Conab, a área plantada de algodão na safra 2010/2011 deverá superar em mais de 50% a área de safra anterior. Com isso, a próxima produção deverá atingir 1.950 mil toneladas, o que significa um aumento de 63% sobre a produção de 2009/2010. Pelas estimativas do MAPA o Brasil deverá exportar em 2011 cerca de 600 mil toneladas a mais de algodão, gerando o dobro de divisas para o país. Vale lembrar que, somado aos incrementos de produção nacional, encontra-se uma redução inesperada na produção da Índia, segundo maior produtor de algodão do mundo, ensejando estímulos adicionais às exportações brasileiras de algodão.





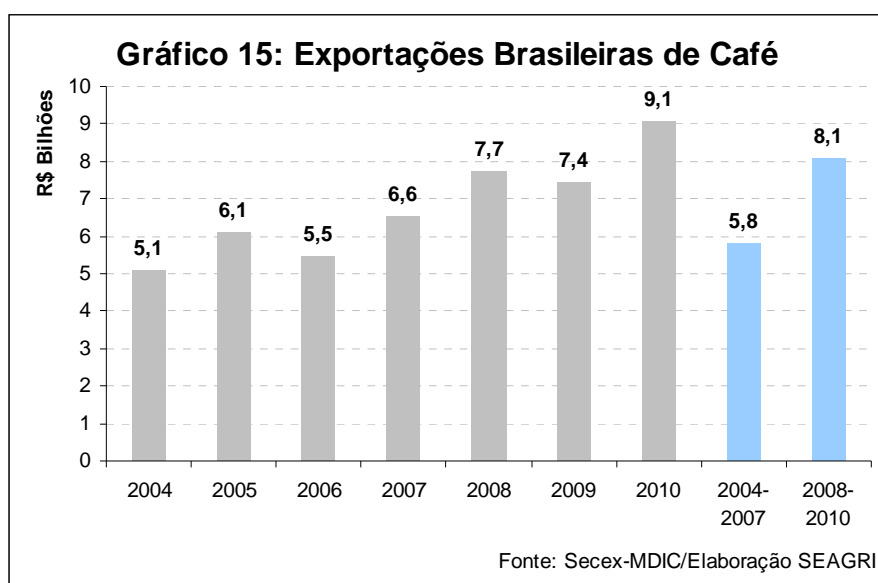
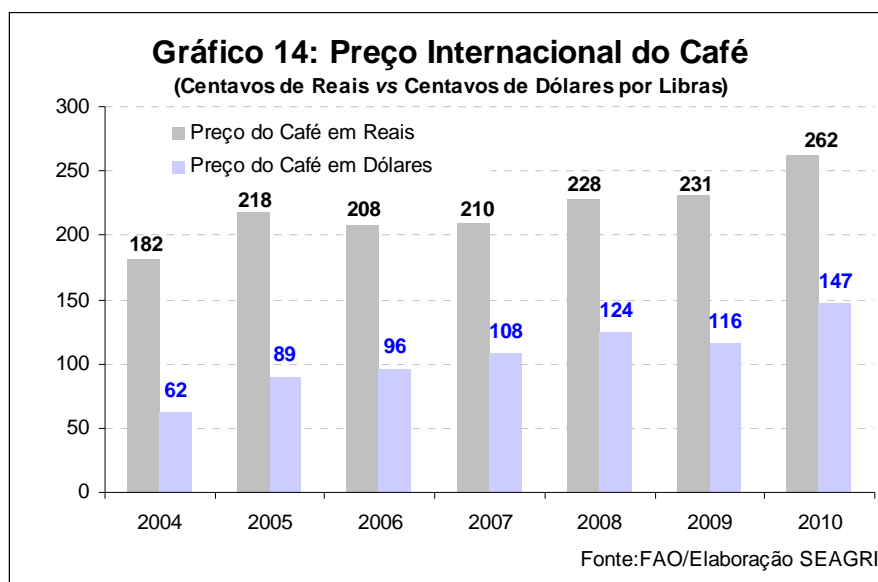
Quando observamos a progressão dos preços do algodão, constatamos uma forte alta nos preços internacionais ao longo de 2010, o que acabou motivando os aumentos substanciais nas áreas plantadas de algodão. Dessa forma, percebe-se mais uma vez que, na média, as exportações anuais de algodão, expressas em Reais, subiram 75,0% no período 2008-2010 em relação ao período 2004-2007.



Café

As exportações de café perderam importância, relativamente a outras culturas agrícolas, na pauta de exportações do Brasil, sendo superadas por aquelas decorrentes dos complexos da soja, carne e sucroalcooleiro, e de produtos florestais. Apesar disso o café continua sendo uma das principais *commodities* de exportação, não apenas pela sua importância histórica, mas sobretudo porque o Brasil continua sendo a maior potência desse segmento, figurando como o maior produtor e exportador mundial. Como o consumo interno também está em plena expansão, o café continua merecendo um lugar de destaque na economia brasileira.

Segundo os dados da ABIC (Associação Brasileira da Indústria de Café), a área plantada de café vem se mantendo estável de 2004 até os dias de hoje. Contudo, o setor vem experimentando ganhos sucessivos de produtividade, o que tem permitido aumentos continuados de produção. Em 2004, a produtividade do café era de 17,8 sacas por hectare, chegando a 22,1 sacas por hectare em 2010. Conseqüentemente, a produção anual de café subiu de 39,3 milhões de sacas para 47 milhões de sacas entre 2004 e 2010. Atualmente, o Estado de Minas Gerais é responsável por metade da produção de café brasileira, concentrando metade da área plantada de café no Brasil.

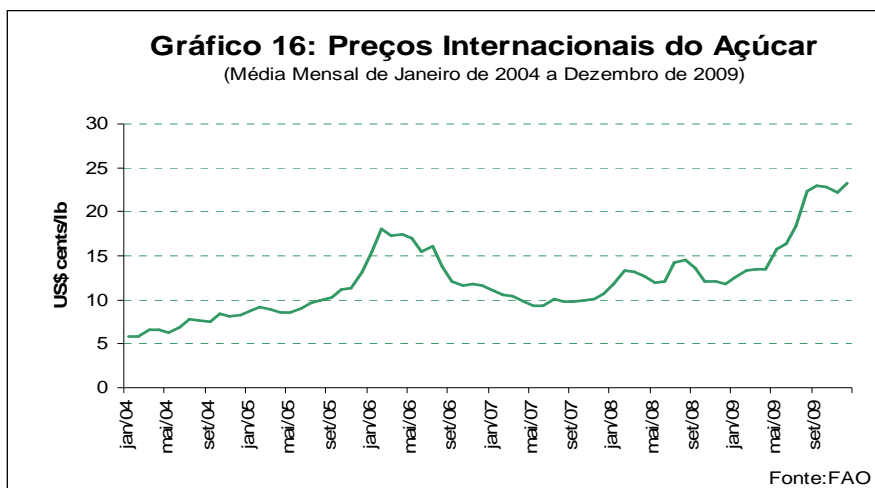


O comportamento dos preços internacionais do café⁵ manteve uma trajetória mais suave que os da soja, milho e algodão, sem apresentar grandes oscilações nem para cima nem para baixo. Ainda assim, em virtude dos ganhos de produtividade, podemos observar mais uma vez um grande salto entre a média anual do valor das exportações, medido em Reais, no período 2004-2007 em relação ao período 2008-2010: um aumento de 39,6%.

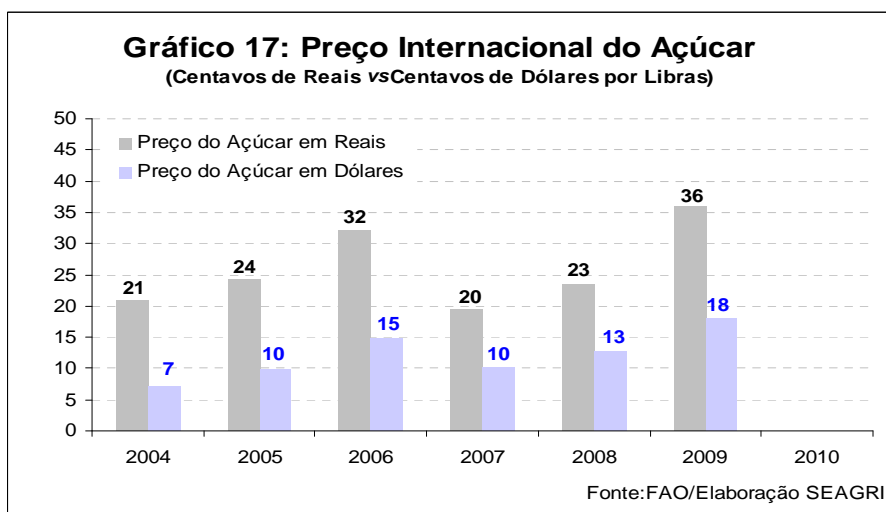
⁵ Valores referentes ao *ICO composite price* a partir de uma cesta de cafés que inclui o café robusta, o café arábica brasileiro, colombiano e de outras origens praticados nos mercados de Nova Iorque, Alemanha e França.

Açúcar

Da mesma forma que o café, a história da plantação da cana-de-açúcar no Brasil se confunde com a própria história do país, tendo mantido sua importância com o passar dos anos. Após um período de decadência o setor recuperou sua relevância econômica e, atualmente, a cana-de-açúcar não se limita mais à produção de açúcar, se estendendo para o setor energético com a produção do etanol.



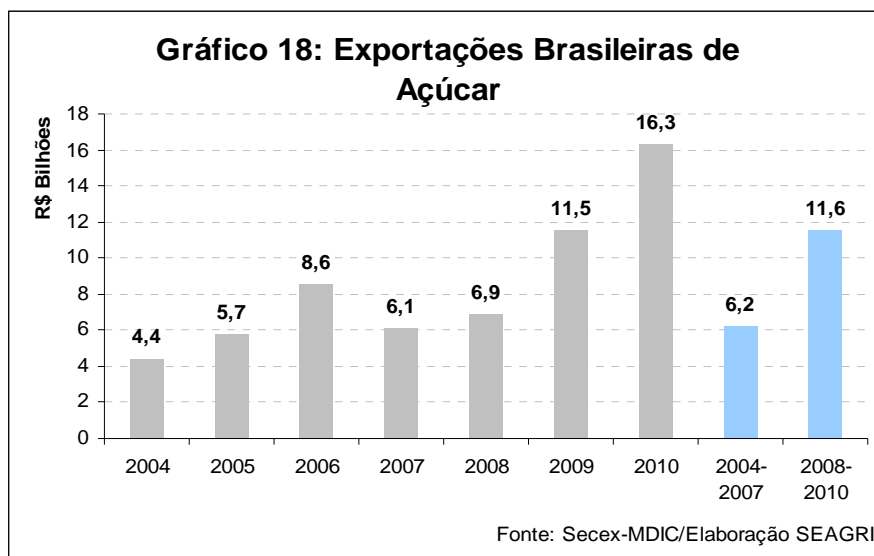
Apesar do grande destaque que o etanol vem ganhando na esfera internacional, o açúcar continua sendo um grande negócio para o Brasil. Segundo a UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar)⁶, o setor sucroalcooleiro movimenta anualmente US\$ 28 bilhões, sendo que a produção de açúcar cresceu 16,8% em 2010 com relação ao ano anterior, enquanto a produção de etanol cresceu, no mesmo período comparativo, 6,7%. São 440 usinas e 1.042 cidades produtoras mantendo 1,28 milhão de empregos formais.



Embora até o presente momento não haja dados disponíveis com a série de preços do açúcar para o ano de 2010, o movimento dos preços até 2009 revela um acentuado crescimento (cerca de 150% em dólares estadunidenses, desde 2004). Já os números das exportações de açúcar revelam 2010 como um ano excepcional, uma vez que as receitas com exportações, em Reais, cresceram 41,7% em relação a 2009. Em particular,

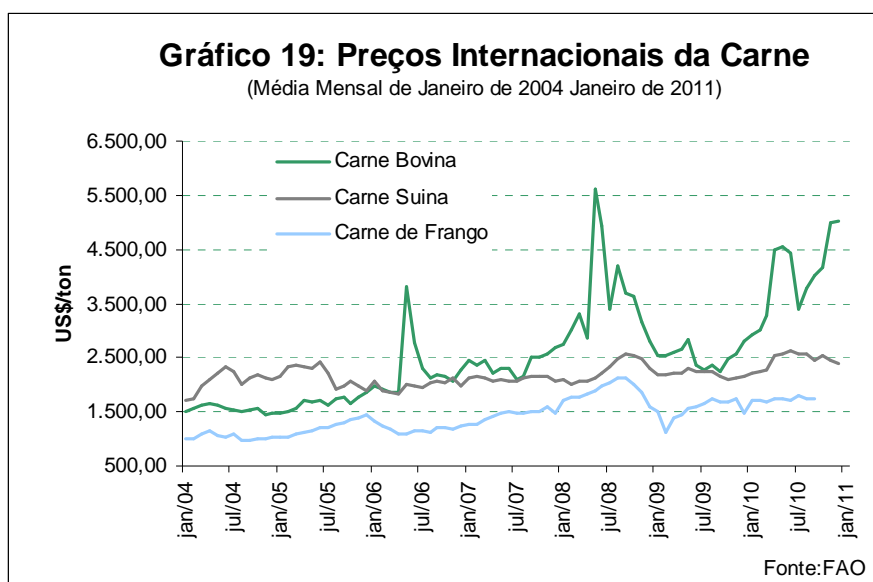
⁶ O Globo em 23/01/2011

as exportações anuais médias, em Reais, subiram 87,1% entre os períodos 2004-2007 e 2008-2010.



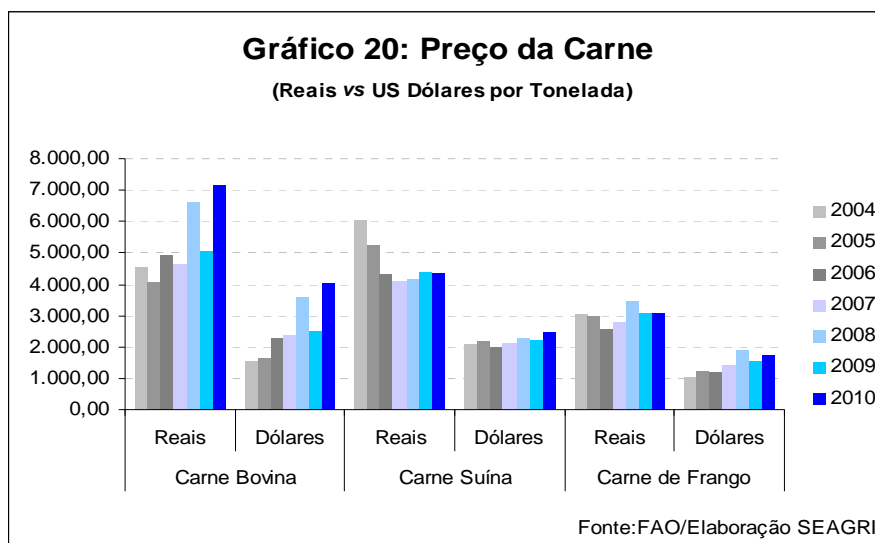
Carne

Nos últimos anos o Brasil vem se projetando com bastante força no mercado de carne internacional. Para se ter uma idéia do vulto que esse segmento tem assumido, entre as dez maiores empresas exportadoras do Brasil, cinco pertencem ao agronegócio: Bunge, Cargill Agrícola, ADM do Brasil, Sadia e Brasil Foods (BRF). Em 2010, a soma da receita com exportações da BRF (ex-Perdigão) e da Sadia (que será incorporada pela BRF) alcançou o valor de US\$ 4,3 bilhões.



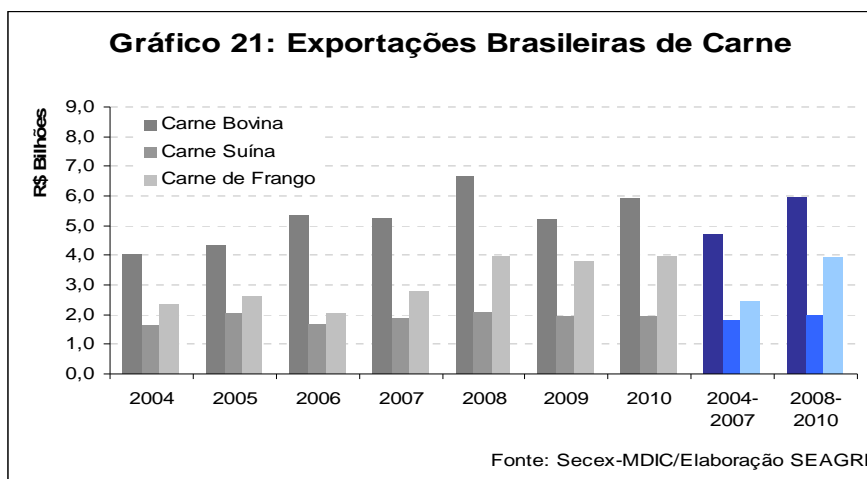
Por outro lado, as vendas de carne bovina para o exterior superaram as vendas de carne de frango, levando o Brasil à posição de segundo maior produtor mundial de carne bovina, atrás somente dos EUA, e de maior exportador de carne bovina. Rússia, Irã e Hong Kong têm grande responsabilidade pela grandiosidade desses resultados. Em 2010, esses três países importaram do Brasil US\$ 2,4 bilhões em carne bovina desossada congelada. É

particularmente impressionante o aumento observado nas exportações para o Irã, que cresceram 7,5 vezes entre 2006 e 2010, subindo de US\$ 107 milhões para US\$ 807 milhões.



Rússia e Hong Kong também mantêm a liderança nas importações de carne suína brasileira. Entre janeiro de 2010 e janeiro de 2011, as importações da Rússia corresponderam a 47,8% do total de carne suína exportada no período, enquanto Hong Kong teve uma participação de 16,3%. Por sua vez, no mercado de frango, as exportações para o Japão acabaram de ultrapassar as exportações para a Arábia Saudita, que era até então o maior importador de carne de frango brasileira.

Quando observamos as séries de preços, percebemos uma forte tendência de alta com respeito ao preço da carne bovina, enquanto a carne de porco teve seu preço reduzido entre 2004 e 2007. Note-se que a carne de porco chegava a ser mais cara que a carne bovina até 2006, quando o preço dessas duas *commodities* começou a diferir⁷. Vale ressaltar que entre 2004 e 2010 o preço da tonelada da carne bovina, em dólares, subiu 159%, enquanto, no mesmo período, o da carne de porco subiu 18% e de frango 68%.



No que diz respeito às exportações em Reais, vemos que apesar da alta expressiva no preço internacional da carne bovina, o valor das exportações de carne de frango foi o que

⁷ Os principais consumidores de carne suína (Rússia, Bielo-Rússia, etc.) foram fortemente afetados pela crise econômica, reduzindo significativamente suas importações. Isto afetou particularmente os produtores brasileiros, já que somente a Rússia respondia por 70% de nossas exportações.

mais cresceu dentre os três. A receita média anual com exportações de carne de frango cresceu 62,5% entre o período 2004-2007 e o período 2008-2010, enquanto, no mesmo período de comparação, a de carne de porco cresceu 11,1% e a de carne bovina 25,5%.

Conclusão

Ao examinarmos a trajetória dos preços das principais *commodities* de exportação brasileiras – soja, milho, algodão, açúcar, carnes bovina, de frango e suína – é possível perceber uma forte elevação de preços entre 2004 e 2010. Em particular, a partir do ano de 2008, quando a crise financeira mundial criou grande incerteza quanto aos ativos financeiros. A perspectiva de insolvência generalizada adicionou demanda aos produtos agrícolas, pressionando os preços substancialmente. Das *commodities* avaliadas, somente a carne de porco apresentou um comportamento distinto⁸. Assim, quando esses setores são avaliados sob o ponto de vista dos movimentos de preços na totalidade do período em questão, verifica-se que não houve choques perenes que tenham desestruturado a rentabilidade desses setores e caracterizado uma queda na renda. Muito pelo contrário, quando se analisam os dados a partir de 2007, se observa não somente a recuperação e expansão dos preços, mas também uma efetiva resposta dos setores exportadores pelo aumento significativo do *quantum* exportado.

A observação pelo lado da receita avaliza a saúde financeira desses setores produtivos, visto que houve não só manutenção, mas ganho de renda do setor agropecuário no período analisado. É claro que não foram avaliadas questões relativas aos custos desses setores, haja vista que se referem a fatores da estrutura produtiva e, portanto, pertencentes à esfera da concorrência. No entanto, os já referidos ganhos de produtividade⁹ apontam para reduções de custo e ganhos de competitividade internacional do setor.

Ainda que a taxa de câmbio tenha se apreciado ao longo do período estudado, as receitas com exportações medidas em Reais também têm crescido. Dessa forma, os ganhos oriundos dos aumentos de preços mais do que compensaram as perdas decorrentes da apreciação cambial. Conseqüentemente, com exceção da carne de porco, que contou com ganhos mais modestos, se pode observar um salto significativo nas receitas médias anuais auferidas entre os períodos 2004-2007 e 2008-2010 para todos os produtos avaliados.

Esse cenário benigno é confirmado pelo comportamento do setor, que iniciou uma inédita antecipação de pagamento de dívidas. Segundo o jornal Valor¹⁰, representante do Banco do Brasil (BB) afirmou, em relato à Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado Federal, que sua instituição registrou retornos voluntários superiores a 10% dos

⁸ Os produtores brasileiros tiveram sua situação agravada recentemente, tendo em vista o embargo pelo Governo russo de 89 unidades processadoras de carne no Brasil, sob alegação de problemas sanitários. Dada a citada dependência dos produtores/exportadores do mercado russo houve um aprofundamento das dificuldades do setor no país.

⁹ Para uma avaliação do crescimento da Produtividade Total dos fatores na agricultura brasileira ver, por exemplo, Gasques, J.G. et alii Produtividade Total dos Fatores e Transformações da Agricultura Brasileira: análise de dados dos censos agropecuários IN: Gasques, J.G., Vieira Filho, J.E.R. e Navarro, Z. *Agricultura Brasileira: desempenho, desafios e perspectivas*. Brasília Ipea, 2010.

¹⁰ Cenário Positivo Acelera Quitação de Dívidas, *Valor* em 12 de abril de 2011.

empréstimos ao setor. Além disso, cerca de 60% dos débitos renegociados no período 2004-2007 já teriam sido recebidos. O pagamento de dívidas antigas e a quitação antecipada estariam associados ao movimento dos produtores agrícolas no intuito de ampliar os limites de crédito para elevar seus investimentos produtivos. Tais fatores teriam contribuído para o alcance de um índice de inadimplência da Carteira de Crédito Rural do BB de 1,2%, o melhor resultado nos últimos 10 (dez) anos.

No que se refere às operações contratadas com o BNDES, na medida em que problemas de endividamento pendentes de períodos anteriores foram estruturados e que o cenário recente tem se mostrado muito benéfico aos agroexportadores, os problemas potenciais que possam surgir se restringirão a questões pontuais, que serão integralmente atendidas pelos mecanismos institucionais vigentes, representados pelas Resoluções nºs 3.772/2009 e 3.773/2009, editadas pelo Conselho Monetário Nacional - CMN em 26/08/2009, que dispõem sobre as prorrogações para as operações de crédito de investimento rural contratadas com recursos deste Banco do Desenvolvimento.

Vale ressaltar que, anteriormente, as renegociações se pautavam por soluções pontuais, *ad hoc*, com diversas regras que implicavam múltiplas possibilidades de enquadramento e acabavam por criar a expectativa de novas renegociações, com óbvios impactos sobre o esforço de ajustamento e pagamento dos devedores. Mesmo que as dificuldades fossem oriundas de decisões equivocadas de produção como, por exemplo, uma superprodução, com conseqüente queda de preços, ainda assim se poderia esperar pela edição de uma nova Resolução de renegociação agrícola por parte do CMN. A normatização e a disciplina introduzida nas renegociações agrícolas a partir das referidas Resoluções nºs 3.772/2009 e 3.773/2009 têm sido fundamentais para evitar comportamentos oportunistas e o risco moral envolvido no processo de renegociação de passivos dos produtores rurais.

Em suma, os indicadores apontam para um período extremamente favorável à renda do setor agroexportador brasileiro. Como as perspectivas de curto e médio prazos continuam amplamente positivas, torna-se muito provável a ampliação e difusão da tendência observada, com produtores rurais aproveitando o momento para quitar antigas dívidas e mesmo antecipar pagamentos, de forma a liberar novos recursos ao processo produtivo.

Elaborado pela SEAGRI / DEAGRI 1 / GER 1

Equipe Responsável

Guilherme Baptista da Silva Maia – Gerente
Flávia Castro e Silva Gonçalves – Economista
Carla Valéria Rocha Soares – Estagiária

Chefe do DEAGRI 1: Eriksom Teixeira Lima
Chefe da SEAGRI: William George Lopes Saab

